

COCO: PRODUÇÃO E MERCADO

MARIA SIMONE DE CASTRO PEREIRA BRAINER

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural. ETENE/BNB
msimonecb@bnb.gov.br

Resumo: a produção mundial de coco, em 2019, foi de 62,9 milhões de toneladas. O Brasil é o quinto maior produtor mundial, mas participa com apenas 3,7% do total. Os desafios limitam a competitividade brasileira frente aos principais produtores, Indonésia, Filipinas e Índia, que se dedicam, especialmente, à produção de copra, para produção de óleo e farinha, enquanto o Brasil dedica-se à produção de coco ralado, leite de coco e água de coco. O coqueiro é cultivado em quase todo o Brasil, cuja área atual (2020) é de 187,5 mil hectares com produção de 1,6 bilhão de frutos. Na região Nordeste, principal produtora nacional, concentram-se 80,9% da área colhida de coco do País e 73,5% de sua produção. O valor da produção nacional de coco foi de R\$ 1,15 bilhão, com a participação de 62,6% do Nordeste. No comércio exterior, a Região é a principal exportadora de água de coco (99,5%); no acumulado de janeiro a setembro de 2021, o faturamento foi US\$ 22,84 milhões. Em 2020, mesmo com a situação agravada pela crise sanitária, o consumo nacional cresceu 4,6% em relação a 2019, passando a 2,47 milhões de toneladas, revelando a importância dessa atividade e a tendência mundial por bebidas saudáveis.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Jaine Ferreira de Lima e Vicente Anibal da Silva Neto (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

1 PRODUÇÃO MUNDIAL

Conforme os últimos dados fornecidos pela Faostat (2021), a área mundial colhida com coco é de 11,8 milhões de hectares, produzindo 62,9 milhões de toneladas. Apenas três produtores, Indonésia, Filipinas e Índia ocupam 73,0% dessa área e participam com 74,1% da produção (**Tabela 1**). Contudo, os rendimentos dos seus pomares interferem no baixo rendimento mundial, que não evoluiu ao longo dessa década de 2009 a 2019. A área e a produção mundial de coco cresceram 0,3% e 0,2%, respectivamente, e o rendimento caiu 0,1%. Essas taxas demonstram a estagnação da atividade em nível mundial. Possivelmente porque a cultura é explorada de forma quase extrativista por pequenos produtores que têm limitação de recursos para investimento em tecnologia. Segundo Martins e Jesus Júnior (2014), cerca de 90% da produção de coco do mundo provêm de pequenos produtores, com áreas de até cinco hectares. A destinação da cultura também é outro fator de interferência, posto que, quase todos os produtores mundiais de coco destinam o fruto, principalmente, à produção de copra e óleo, constituindo-se os principais produtos comercializados no mercado internacional.

Dentre os maiores produtores mundiais, o Brasil é quem possui o maior rendimento (13.114 kg/ha), que está relacionado à tecnologia empregada na cultura, como condução e manejo dos coqueiros, sistemas intensivos de cultivo e variedades melhoradas do tipo anão e híbrido, que promoveram o aumento da produtividade e propiciaram a expansão do cultivo para lugares onde não havia tradição (MARTINS; JESUS JÚNIOR, 2014).

Ao longo da década de 2009 a 2019, em função das adversidades climáticas, que provocaram a morte de coqueiros no Nordeste, maior região produtora do País, o Brasil perdeu 97,1 mil ha (-34,2% de sua área), ocupando a sétima maior área mundial. Nesse mesmo período, perdeu-se 629,1 mil t (-21,3%), passando a quinto maior produtor mundial de coco, em 2019. A perda de produção não foi maior devido aos ganhos de produtividade dos novos pomares. Para 2021, vislumbra-se a retomada gradual da atividade (**Tabela 1**). Os governos de alguns principais produtores mundiais estão implementando políticas para soerguimento da atividade, através do cultivo de coqueiro-híbrido, para aumentar a produção, a renda e melhorar a qualidade de vida dos produtores de coco de seus países.

Tabela 1 – Produção mundial de coco, área colhida e rendimento nos anos de 2018 e 2019 e projeção para 2020 e 2021

Países	Área colhida (mil ha)				Produção (mil t)				Rendimento (kg/ha)			
	2018	2019	2020	2021	2018	2019	2020	2021	2018	2019	2020	2021
Indonésia	2.800	2.800	2.812	2.778	17.100	17.129	16.882	16.812	6.107	6.117	6.003	6.052
Filipinas	3.628	3.652	3.595	3.610	14.726	14.765	14.420	14.357	4.059	4.043	4.011	3.977
Índia	2.097	2.151	2.100	2.102	16.413	14.682	12.963	13.314	7.827	6.826	6.173	6.333
Sri Lanka	455	503	463	463	2.098	2.469	2.276	2.242	4.609	4.904	4.913	4.843
Brasil	199	187	187	194	2.345	2.349	2.459	2.447	11.806	12.540	13.114	12.588
Vietnã	155	159	151	152	1.572	1.677	1.531	1.550	10.161	10.550	10.152	10.204
México	212	204	202	205	1.342	1.288	1.285	1.302	6.337	6.309	6.370	6.354
Papua Nova Guiné	192	189	198	196	1.186	1.193	1.188	1.188	6.167	6.317	6.004	6.071
Tailândia	121	124	150	141	858	806	847	835	7.078	6.481	5.659	5.914
Malásia	75	77	75	75	496	537	512	513	6.601	6.989	6.842	6.829
Demais	1.764	1.800	1.699	1.720	6.052	5.999	5.939	5.957	3.430	3.332	3.496	3.464
Total mundial	11.698	11.847	11.631	11.637	64.188	62.893	60.301	60.518	5.487	5.309	5.184	5.201

Fonte: Faostat (2021). Nota: Calculou-se a área do ano de 2020 através da média dos anos 2015 a 2019, e a do ano de 2021, com a média dos anos 2016 a 2020. Fez-se o mesmo com as produções, e as produtividades foram calculadas a partir das produções e áreas de cada ano (2020 e 2021).

2 PRODUÇÃO NACIONAL E REGIONAL

O coqueiro está sendo cultivado em quase todo o Brasil, cuja área atual é de 187,5 mil ha com produção de 1,6 bilhão de frutos. Na região Nordeste, concentram-se 80,9% da área colhida de coco do País e 73,5% de sua produção. A segunda maior área de coco está na região Norte, onde prevalece a variedade híbrida. Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, a variedade mais plantada é do coqueiro-anão, destinado à produção de água; a Sudeste é a segunda maior em produção, em função do maior rendi-

mento (15.503 frutos/ha); e a Centro-Oeste destaca-se por ter elevado rendimento (11.930 frutos/ha), também por apresentar a maior produtividade física (15.178 reais/ha), ou seja, o valor da produção em relação a área colhida (**Tabela 2; Gráfico 1**).

A região Nordeste apresenta o maior valor da produção (R\$ 719,44 milhões), contudo é quem possui a menor produtividade física, 4.744 reais/ha, e quem recebe o menor valor nas vendas de coco (R\$ 0,60/fruto). Nas áreas litorâneas dessa Região, ainda predominam a variedade de coqueiro-gigante, principalmente destinada à produção de coco seco, com baixo rendimento e pequena remuneração ao produtor, gerando um ciclo de baixa adoção de tecnologias e de práticas de manejo cultural, que necessita de intervenção para ser quebrado. Para tanto, será importante a cooperação de cada agente envolvido com a cadeia produtiva do coco, sobretudo, possibilitando aos pequenos produtores, o financiamento para renovação ou fortalecimento de seus pomares, com o apoio da orientação técnica, na utilização de tecnologias e boas práticas culturais; e com salvaguardas ao mercado interno, para que o produtor receba o valor que remunere seus investimentos. Por outro lado, no Nordeste existem municípios que se destacam, com plantios de variedades mais produtivas (anã ou híbrida) e tecnologias que propiciam maiores rendimentos na Região (Tabela 2).

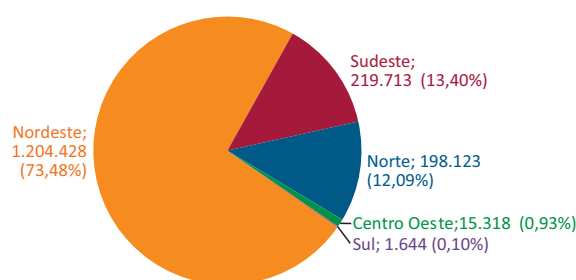
Tabela 2 – Indicadores de produção de coco-da-baía, por região e estados da Área de Atuação do BNB

Unidade geográfica	Área colhida (hectares)			Produção (milhões de frutos)			Rendimento (frutos/ha)			Valor da produção (Mil Reais)			Produtividade física 2020 (R\$/ha)	Preço 2020 (R\$/fruto)
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021		
Brasil	187.297	187.497	194.374	1.566	1.639	1.631	8.360	8.743	8.392	936.516	1.149.029	1.016.920	6.128	0,70
Nordeste	152.744	151.638	157.623	1.148	1.204	1.207	7.513	7.943	7.658	652.324	719.435	683.685	4.744	0,60
Sudeste	14.343	14.172	14.754	216	220	210	15.063	15.503	14.237	162.969	190.076	172.139	13.412	0,87
Norte	18.675	20.175	20.303	185	198	194	9.914	9.820	9.577	103.827	217.662	140.660	10.789	1,10
Centro-Oeste	1.302	1.284	1.459	15	15	18	11.800	11.930	12.327	15.257	19.489	18.552	15.178	1,27
Sul	233	228	235	2	2	2	6.888	7.211	6.496	2.139	2.367	1.884	10.382	1,44
Ceará	38.099	39.735	40.752	303	405	371	7.946	10.193	9.099	157.742	203.273	176.921	5.116	0,50
Bahia	37.450	36.173	39.312	334	288	322	8.911	7.967	8.198	175.878	118.793	156.215	3.284	0,41
Sergipe	23.149	22.395	23.624	163	161	166	7.049	7.194	7.036	112.575	136.843	122.068	6.110	0,85
Pernambuco	8.716	8.610	8.326	145	138	141	16.648	15.993	16.989	70.283	90.107	76.126	10.465	0,65
Norte do Espírito Santo	8.561	8.458	8.600	134	135	120	15.702	15.937	13.897	85.260	94.018	80.008	11.116	0,70
Alagoas	21.368	20.867	21.215	92	99	90	4.324	4.723	4.220	65.494	86.007	72.428	4.122	0,87
Rio Grande do Norte	15.959	15.936	16.070	63	66	67	3.967	4.157	4.162	35.732	47.597	43.456	2.987	0,72
Paraíba	5.791	5.973	5.938	34	35	35	5.853	5.914	5.830	24.339	27.057	24.368	4.530	0,77
Norte de Minas Gerais	521	525	751	9	9	13	17.067	17.356	16.822	6.611	6.227	10.785	11.861	0,68
Piauí	559	573	686	7	7	9	12.032	12.115	12.838	5.958	6.203	7.647	10.825	0,89
Maranhão	1.653	1.376	1.701	7	5	7	3.934	3.877	3.857	4.323	3.555	4.457	2.584	0,67
Área de atuação do BNB	161.826	160.621	166.974	1.291	1.348	1.339	7.977	8.395	8.021	744.195	819.680	774.478	5.103	0,61

Fonte: IBGE (2021).

Entre 2019 e 2020, houve acréscimo de 73 milhões de frutos (+4,7%) na produção nacional, em função, principalmente, da elevação do rendimento de quase todas as regiões, e do aumento de área da região Norte (+1.500 ha). As demais regiões tiveram suas áreas reduzidas; destacando-se o Nordeste que perdeu 1.106 ha, mas ainda acrescentou 57 milhões de frutos à produção nacional, com a elevação de 5,7% do seu rendimento. Na área de atuação do BNB, a perda de área colhida também foi amenizada pelo ganho de rendimento (5,2%), que possibilitou o acréscimo de 4,4% à produção dessa região (**Tabela 2**).

Gráfico 1 – Produção regional de coco, em 2020 (mil frutos)



Fonte: IBGE (2021).

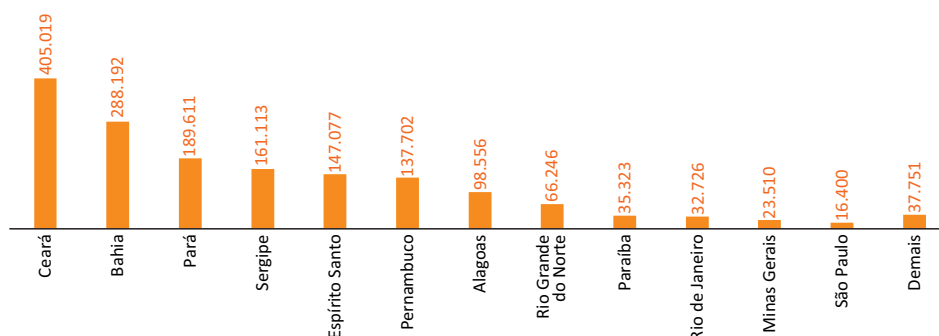
3 PRODUÇÃO ESTADUAL

O coqueiro está sendo cultivado em quase todos os estados brasileiros, com exceção apenas do Amapá, Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentre os nove principais produtores, sete pertencem ao Nordeste; um ao Norte e outro ao Sudeste. Os principais produtores que pertencem à área de atuação do BNB, participam com 84,3% da área, 80,9% da produção e contribuem com 69,9% do valor da produção de coco nacional (**Tabela 2; Gráfico 2**).

Em 2020, o Ceará tornou-se o maior produtor de coco do Brasil, com 21,2% da área e 24,7% da produção nacional. Nesse Estado, as variáveis de produção do coco para água estão crescendo a taxas anuais mais elevadas que as de coco para castanha (coco seco), de maneira que a produção está quase três vezes maior e o rendimento 5,4 vezes maior (coco água: 21.896 frutos/ha; coco seco: 4.037 frutos/ha). Por outro lado, está havendo redução de área do coco seco (-0,9% a.a.), ao contrário das demais variáveis de produção. As menores áreas foram em consequência da seca que dizimou muitos coqueirais-gigantes. Entretanto, algumas áreas foram substituídas por coqueiro-anão e híbrido, que pode ser destinado para castanha – o que pode explicar o aumento da produtividade e produção. Essas variedades, além de mais produtivas, são cultivadas sob sistema de irrigação (**Tabela 2; Gráficos 2 e 3**).

A Bahia, é o segundo maior produtor nacional, respondendo por 19,3% da área colhida e 17,6% da produção. Em função das elevadas perdas de área da Bahia (32,9 mil ha – somente entre 2016 e 2020), a produção caiu 254,0 mil toneladas, perdendo a posição de maior produtor nacional, tanto em tamanho de área (em 2019), como em produção (em 2020) para o Ceará. As perdas de áreas devem-se aos períodos de seca, à substituição por variedades de coco mais produtivas ou substituição por outras frutícolas.

Gráfico 2 – Produção estadual de coco, em 2020 (mil frutos)



Fonte: IBGE (2021).

O Pará é o terceiro maior produtor nacional e participa de 10,2% da área, 11,6% da produção e 18,1% do valor da produção nacional. Na região Norte, sua participação é de 95,1% da área e 95,7% da produção.

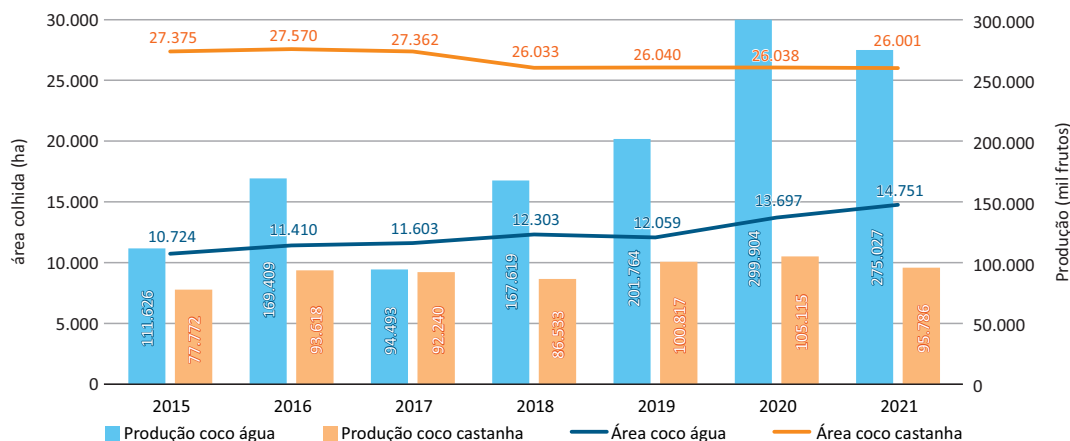
O estado de Sergipe atualmente é o quarto produtor mundial; perdeu posição para o Pará, a partir de 2018, porque também sofreu grandes perdas de produção, em função, principalmente, da redução de área nos principais municípios produtores. Entretanto, algumas áreas estão sendo implantadas com variedades mais produtivas, elevando paulatinamente o rendimento médio dos coqueiros.

O Espírito Santo é o principal produtor do Sudeste, com 65,4% da área e 66,9% da produção regional; e o quinto produtor nacional, em função dos elevados rendimentos, pois a área de coqueirais representa apenas 4,9% da nacional. O norte do Espírito Santo, que está inserido na área de atuação do BNB, possui 91,2% da área e 91,6% da produção de coco do Espírito Santo.

Pernambuco perdeu a quinta posição para o Espírito Santo, em 2017, tornando-se o sexto maior produtor nacional, no entanto, compensando a pequena área, que representa 4,6% da nacional, é o estado nordestino que possui os maiores rendimentos, em virtude, principalmente, da produção de coco para água, localizada no Vale do São Francisco.

Alagoas, Rio grande do Norte e Paraíba mantiveram suas respectivas posições de 7º, 8º e 9º produtores nacionais, entre 2016 e 2020, com produção crescente, nesse período. Alagoas perdeu 2,1% da área com coqueirais, mas o aumento do rendimento (31,4%) promoveu o crescimento de 28,7% na produção. O mesmo aconteceu com a Paraíba, que perdeu 15,7% da área, mas acrescentou 21,3% aos rendimentos do coco, alta de 2,2% à produção. Já o Rio Grande do Norte aumentou sua produção com mais plantios (+8,5%), pois o rendimento caiu 2,3%, nesse período (**Tabela 2; Gráfico 2**).

Gráfico 3 – Comparativo da área colhida e produção do coco para castanha e coco para água, no estado do Ceará entre 2015 e 2021



Fonte: IBGE/LSPA (Série 2015 a out. 2021).

Nota: Vale salientar que só foi possível fazer essa análise para o Ceará, porque a equipe do IBGE desse estado faz distinção entre coco para água e coco para castanha, durante a coleta dos dados, o que deveria ser incentivado nos demais estados produtores.

4 PRODUÇÃO MUNICIPAL

Paraipaba, localizado no Ceará, é o maior produtor municipal de coco do Brasil, destacando-se por seu elevado rendimento de 24.626 frutos/ha em função, principalmente, da variedade implantada (coqueiro-anão) e de grande parte da produção ser proveniente do perímetro irrigado Curu-Paraipaba, localizado às margens do Rio Curu, instalado pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas - DNOCS (**Gráfico 4**).

O segundo maior produtor é o município de Moju, no Pará, onde se encontra a maior área de cultivo contínuo de coqueiros da variedade híbrida, em regime de sequeiro, implantada pela Sococo S/A Indústrias Alimentícias.

Petrolina, localizado em Pernambuco, é o terceiro, que se destaca pelo elevado rendimento de 35 mil frutos/ha. Esse padrão foi alcançado, principalmente, em função da totalidade dos cultivos serem irrigados (grande parte da produção é proveniente do perímetro irrigado Nilo Coelho) e da variedade utilizada, que é sempre de coqueiro-anão. Como o cultivo é irrigado, a colheita acontece ao longo de todo o ano, tanto para o coco água como para o coco castanha.

O quarto produtor, é o município de São Mateus, localizado no litoral norte do estado do Espírito Santo, onde prevalece a variedade Anão Verde, cultivada em sistemas de irrigação.

O quinto e sexto maiores produtores municipais de coco no Brasil são, respectivamente, Rodelas e Conde, ambos na Bahia. Rodelas está localizada no Vale do São Francisco e destaca-se pelo elevado rendimento de 26.976 frutos/ha, em função da variedade implantada (quase toda de coqueiro-anão) e da maior parte da produção ser proveniente do perímetro irrigado instalado pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf). O município de Conde (BA), localizado na zona litorânea da microrregião de Entre Rios, foi o segundo maior produtor nacional, em 2017, com 70 milhões de frutos, destinados tanto à água como, à castanha, mas perdeu posição com a queda de 23,1% da área, entre 2017 e 2020.

Trairi, localizado no Ceará, é o sétimo produtor municipal, com crescimento da produção tanto em função do aumento de área, quanto do rendimento. Nesse município, prevalece a produção de coco para água (59,2% da produção total), cujo rendimento é 16.086 mil frutos/ha.

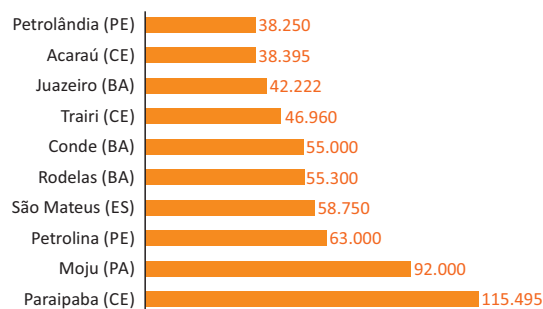
O oitavo produtor é o município de Juazeiro, na Bahia que, semelhantemente a Petrolina (PE), se destaca pelo elevado rendimento (30.463 frutos/há), em função da variedade cultivada (coqueiro-anão), e dos cultivos serem irrigados (grande parte da produção é proveniente do perímetro irrigado Nilo Coelho).

O município de Acaraú é o nono maior produtor, que passou a se destacar a partir de 2019, quando a produção de coco aumentou 155,8%, em função do acréscimo ao rendimento médio, que passou de 2.858 frutos/ha para 7.312 frutos/ha. Esse crescimento adveio do elevado impulso dado ao rendimento do coco para água (373,4%), que alcançou, em 2020, 34 mil frutos/ha, cultivado em sistema de irrigação.

O décimo maior produtor é o município de Petrolândia, em Pernambuco, com cultivos em perímetros irrigados estabelecidos pela Chesf, no vale do Rio São Francisco (Perímetros Irrigados Apolônio Sales, Icó-Mandantes e Barreiras Bloco 2). A partir de 2002, iniciaram-se cultivos com variedades de elevada produtividade (22 mil frutos/ha), mas se estabilizando, a partir de 2014, em 15 mil frutos/ha (**Gráfico 4**).

Dentre os 10 principais municípios produtores de coco, nove pertencem à área de atuação do BNB, contribuindo com 33,6% da produção total do País e 20,7% do valor da produção nacional (R\$ 237,64 milhões) (IBGE, 2021).

Gráfico 4 – Principais municípios produtores de coco, do Brasil, em 2020 (mil frutos)



Fonte: IBGE (2021).

5 MERCADO INTERNO NACIONAL E REGIONAL DE COCO E DERIVADOS

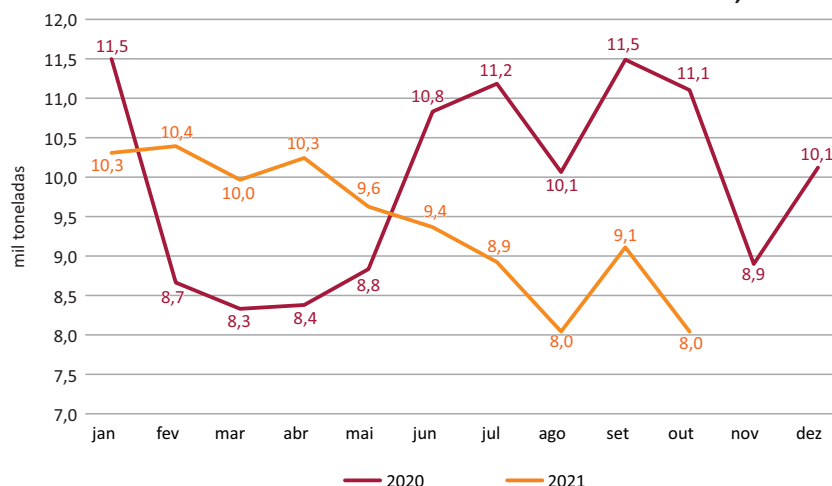
Nas Ceasas (Centrais de Abastecimento) dos estados nacionais, foram comercializados 218,3 mil toneladas de coco, em 2020, quantidade 10,9% menor que em 2019. Em função da pandemia, as vendas caíram em fevereiro, permanecendo em patamares baixos até maio, com oscilações entre recuperação e quedas (em agosto e novembro). Durante o ano de 2020, o maior preço comercializado foi de R\$ 1,93/kg, em novembro de 2020, e o menor (R\$ 1,46/kg), em maio. 2021 começou com as vendas voltando à normalidade, porém, possivelmente, outros fatores, além das ondas de pandemia e do fechamento ou restrições de acesso a estabelecimentos (restaurantes, padarias, cafeterias, shoppings etc.), interferiram na queda das vendas de forma mais contínua, possivelmente, a queda na renda de grande parte da população (**Tabela 3; Gráfico 5**).

Tabela 3 – Quantidade, valor e preço médio do coco e derivados comercializados por todos os estados nacionais, nas Ceasas

Ano de comercialização	COCO			ÁGUA DE COCO			COCO RALADO		
	Quantidade (Kg)	Valor (R\$)	Preço (R\$/kg)	Quantidade (Kg)	Valor (R\$)	Preço (R\$/kg)	Quantidade (Kg)	Valor (R\$)	Preço (R\$/kg)
COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL									
2019	245.132.613	321.813.011	1,89	21.914	116.559	5,32	36.949	324.812	8,39
2020	218.306.585	302.912.969	1,73	21.887	139.281	6,36	25.211	243.120	9,91
2021	183.327.995	243.590.389	1,60	33.004	205.285	6,22	31.664	294.193	9,15
COMERCIALIZAÇÃO REGIONAL									
2019	130.544.295	201.657.929	1,82	21.914	116.559	5,32	36.949	324.812	8,39
2020	119.513.556	204.531.132	1,99	21.887	139.281	6,36	25.011	241.120	9,88
2021	94.102.668	157.204.487	1,89	21.893	136.174	6,22	30.540	284.077	9,20
PARTICIPAÇÃO (B/A)									
2019	53,3	62,7	-	100,0	100,0	-	100,0	100,0	-
2020	54,7	67,5	-	100,0	100,0	-	99,2	99,2	-
2021	51,3	64,5	-	66,3	66,3	-	96,5	96,6	-

Fonte: Conab (2021).

Gráfico 5 – Quantidade mensal de coco comercializada nas Ceasas do Nordeste, nos anos de 2020 e 2021



Fonte: Conab (2021).

A comercialização da água de coco, em todo o território nacional, no ano de 2020, foi de 21,9 toneladas, quase a mesma quantidade do ano anterior, mas o faturamento foi maior em função do aumento de 19,6% do preço, possivelmente, em função do aumento dos custos de produção relacionados aos insumos importados. Vale salientar que a comercialização nacional de água de coco, em 2019 e em 2020, foi totalmente realizada no Nordeste. No ano de 2020, a comercialização nacional de coco ralado no valor de R\$ 243,12 mil foi realizada por Pernambuco (97,7%), Alagoas (1,1%) e Sergipe (1,2%). Comparando-a com o ano anterior, a quantidade vendida caiu 31,8% e o valor recebido pela venda também (-25,2%), embora proporcionalmente menos, porque os preços aumentaram 18,1%, o que pode ser devido a escassez da quantidade ofertada dos produtos nas Ceasas, relacionada ao isolamento social. Considerando o período de janeiro a outubro de 2021 em relação ao ano de 2020, as vendas nacionais de água de coco e de coco ralado aumentaram, respectivamente, 50,8% e 25,6%, provavelmente como reflexo de um aumento da quantidade ofertada, já que houve queda dos preços. **(Tabela 3)**.

6 MERCADO MUNDIAL

Em 2019, as exportações mundiais somaram US\$ 3,6 bilhões, valor inferior às importações (US\$ 4,4 bilhões), déficit de US\$ 774 milhões. O óleo foi o principal derivado de coco transacionado no mercado mundial, com a participação de 60,0% (exportação) e 57,4% (importação). O coco dessecado foi o produto mais valorizado nesse mercado, exportado ao preço médio de US\$ 1,62 e importado por US\$ 1,57, com a participação de 17,3% dos valores exportados e 15,6% dos valores importados. Por sua vez, o coco foi o segundo produto mais comercializado em volume, tanto exportado (32,1%), quanto importado (37,7%), ao preço médio de US\$ 0,49 e US\$ 0,46, respectivamente **(Tabela 4)**.

Tabela 4 – Exportação e importação mundiais de coco e seus derivados, em 2018 e 2019

Derivados do coco	Exportação						Importação					
	Quantidade (mil t)		Variação %	Valor (US\$ milhões)		Variação %	Quantidade (mil t)		Variação %	Valor (US\$ milhões)		Variação %
	2018	2019	2018/2019	2018	2019	2018/2019	2018	2019	2018/2019	2018	2019	2018/2019
Óleo de coco	2.147	1.340	-37,6	2.777	2.163	-22,1	2.270	2.386	5,1	3.365	2.515	-25,3
Coco dessecado	394	385	-2,4	748	624	-16,6	429	436	1,6	869	683	-21,5
Cocos	1.121	1.146	2,2	579	559	-3,4	1.754	2.101	19,7	836	970	16,0
Copra	227	205	-9,7	161	142	-11,9	156	98	-37,4	120	67	-44,1
Torta de copra	759	497	-34,5	134	116	-13,3	768	555	-27,7	174	144	-17,7
Total mundial	4.648	3.572	-23,1	4.400	3.604	-18,1	5.377	5.575	3,7	5.365	4.378	-18,4

Fonte: Faostat (2021).

A crise mundial causou queda no faturamento de todos os produtos, entre 2018 e 2019, por causa da queda dos preços e dos volumes exportados; os mais atingidos foram o óleo de coco (-37,6%) e a torta de copra (-34,5%). Os valores dos produtos importados também caíram, com destaque para a copra (-44,1%) e com exceção do coco, que apresentou aumento de 16,0%. Apesar da crise, o consumo mundial de 2019 permaneceu o mesmo de 2018 (64,9 milhões de toneladas de coco), suprimindo a menor produção de 2019, com o aumento das importações, também estimuladas com a queda dos preços de quase todos os produtos (**Tabela 4**).

Os dois principais exportadores mundiais dos derivados do coco são também os maiores produtores, Indonésia e Filipinas, com participações respectivas de 32,1% e 24,2% nos volumes totais exportados. As Filipinas recebem melhores preços médios, porque exportam mais que a Indonésia, dos produtos mais valorizados (óleo de coco e coco dessecado), motivo pelo qual sua participação nos valores exportados é superior (33,1%), enquanto a participação da Indonésia é de 20,4%. As alterações no desempenho desses dois países, geram impactos que podem ser observados mundialmente, portanto, entre 2019 e 2018, foram eles os principais responsáveis pela queda nas exportações mundiais. Os 10 principais exportadores são responsáveis por 86,4% das receitas totais; o Brasil encontra-se na 47ª posição com a participação de apenas 0,03% nesse mercado (**Tabela 5**).

A China foi o principal importador de coco e derivados, no ano de 2019, com 31,6% das compras internacionais. Entre 2018 e 2019, aumentou 25,6% dos volumes importados, contribuindo com a alta de 3,7% das importações mundiais. Por outro lado, a variação dos valores pagos foi bem menor (7,6%), devido ao recuo dos preços dos produtos, o que provocou a queda de 18,4% das importações mundiais. Os Estados Unidos, que antes eram o principal comprador mundial dos derivados do coco, passaram a segundo importador mundial, perdendo ainda mais sua participação, em 2019, com a queda de 3,9% dos volumes e 24,1% dos valores importados. O Brasil é o 31º importador de produtos do coco, participando com 0,4% dos volumes e 0,7% dos valores importados (**Tabela 5**).

Tabela 5 – Principais Países Exportadores e importadores de coco e seus derivados, em 2018 e 2019

Países	Quantidade (t)		Variação %	Valor (Mil US\$)		Variação %
	2018	2019	2018/2019	2018	2019	2018/2019
Exportação						
Indonésia	1.747.026	1.146.920	-34,4	1.103.416	734.362	-33,4
Filipinas	1.475.692	863.208	-41,5	1.410.595	1.193.391	-15,4
Tailândia	228.176	265.406	16,3	185.543	221.342	19,3
Malásia	142.399	246.324	73,0	179.478	206.540	15,1
Holanda	253.730	244.260	-3,7	439.418	311.472	-29,1
Vietnã	124.695	115.653	-7,3	196.513	150.340	-23,5
Sri Lanka	61.896	115.603	86,8	146.184	154.822	5,9
Papua Nova Guiné	108.679	73.875	-32,0	71.113	45.260	-36,4
Índia	73.852	64.940	-12,1	95.884	78.583	-18,0
Costa do Marfim	50.538	56.454	11,7	23.145	18.009	-22,2
Brasil (47º)	1.176	1.021	-13,2	1.058	1.336	26,3
Demais	379.991	378.443	-0,4	547.226	488.728	-10,7
Total mundial	4.647.850	3.572.107	-23,1	4.399.573	3.604.185	-18,1

Países	Quantidade (t)		Variação %	Valor (Mil US\$)		Variação %
	2018	2019	2018/2019	2018	2019	2018/2019
Importação						
China	729.352	908.538	24,6	477.136	506.716	6,2
China (continente)	672.029	851.677	26,7	426.333	465.236	9,1
Estados Unidos	592.148	568.794	-3,9	959.455	728.317	-24,1
Malásia	454.912	492.907	8,4	254.272	212.934	-16,3
Holanda	422.698	431.942	2,2	557.294	387.267	-30,5
Índia	277.260	302.965	9,3	76.415	107.685	40,9
República da Coreia	380.029	275.110	-27,6	137.065	96.843	-29,3
Alemanha	225.119	234.472	4,2	338.475	240.531	-28,9
Tailândia	218.159	139.787	-35,9	68.025	56.074	-17,6
Itália	92.120	93.508	1,5	134.048	93.030	-30,6
Brasil (31º)	18.800	19.936	6,0	38.139	29.316	-23,1
Demais	1.294.439	1.255.652	-3,0	1.898.451	1.454.157	-23,4
Total Mundial	5.377.065	5.575.288	3,7	5.365.108	4.378.106	-18,4

Fonte: Faostat (2021).

7 MERCADO EXTERNO NACIONAL E REGIONAL DE COCO E DERIVADOS

O Brasil exportou no acumulado de janeiro a setembro de 2021, 688 toneladas de coco, no valor de US\$ 927 mil. Os volumes importados, nesse período, foram cerca de 11 vezes superiores aos exportados, gerando déficit de US\$ 10,05 milhões. As maiores transações são realizadas pelas regiões Nordeste e Sudeste, mas todas as regiões apresentam déficit na balança comercial (com exceção do Centro-Oeste que praticamente não participa desse mercado). No entanto, as importações vêm caindo - entre 2019 e 2020, os volumes caíram 11,7% e os valores, (-15,9%); entre 2020 e 2021, os volumes também caíram 20,8% e os valores (-6,4%). A queda de 2020 pode ser explicada porque a produção nacional de coco aumentou em relação a 2019, suprimindo a alta de 4,6% do consumo interno (2,36 milhões de toneladas, em 2019 e 2,47 milhões de toneladas, em 2020). No segundo caso, as importações podem ter caído porque o consumo de 2021 (de janeiro a setembro), foi menor que o de 2020, em função, principalmente, das restrições orçamentárias de grande parte da população e do aumento dos preços dos produtos (Tabela 6).

Tabela 6 – Exportações e importações nacionais e regionais de coco

País e Regiões	Exportação								Importação							
	Peso (t)				Valor (Mil US\$)				Peso (t)				Valor (Mil US\$)			
	2019	2020	2020(*)	2021(*)	2019	2020	2020(*)	2021(*)	2019	2020	2020(*)	2021(*)	2019	2020	2020(*)	2021(*)
Brasil	975	1.103	830	688	942	996	763	927	15.755	13.909	9.308	7.369	20.349	17.118	11.718	10.973
Nordeste	698	463	346	283	641	489	398	559	5.914	6.349	4.136	2.596	6.397	6.933	4.465	2.915
Sudeste	208	578	462	276	209	413	319	263	5.894	4.682	3.523	3.519	9.966	7.383	5.469	6.943
Sul	52	54	20	124	71	70	42	100	2.426	2.046	1.091	871	2.553	2.047	1.233	898
Norte	1	5	1	1	4	23	3	4	1.511	833	558	383	1.399	756	550	218
Centro-Oeste	16	3	1	3	18	1	1	1	10	-	-	-	35	-	-	-

Fonte: Agrostat (2021); Nota: Nos dados de exportação e importação do Brasil, o Agrostat não incluiu o óleo de coco e a torta de copra; por esse motivo, divergem dos dados da Faostat; (*) Janeiro a setembro.

O Nordeste exportou 42,5 mil toneladas de coco e derivados no ano de 2020, com a participação de 99,0% da água de coco. Os Estados Unidos participam com 90,0% desse mercado. Houve aumento de 12,7% das exportações, entre 2019 e 2020; e de 14,2%, entre 2020 e 2021 (de janeiro a setembro). Os valores recebidos pelas exportações foram compensados pela desvalorização do real, frente ao dólar, em 2020. A água de coco foi responsável pelo saldo na balança comercial nos anos de 2019 (US\$ 22,03 milhões), 2020 (US\$ 19,53 milhões) e, até setembro de 2021, (US\$ 22,84 milhões).

O principal produto importado é o coco ralado, representando 55,5% das importações totais, seguido pelos óleos (39,3%). Em 2020, as importações ainda cresceram 4,0%, considerando que, em média, os preços estavam mais baixos que os de 2019. Entretanto, entre 2020 e 2021, com o aumento dos preços e a desvalorização do real, as importações caíram 23,6%.

Os principais fornecedores de cocos, frescos ou secos, dessecados são a Indonésia (71,9% em 2019; 68,5% em 2020) e as Filipinas (25,0% em 2019; 27,1% em 2020); o óleo de coco (óleo de copra), em bruto é fornecido principalmente pelas Filipinas (100,0% em 2019; 94,4% em 2020); os outros óleos de coco (óleos de copra) foram fornecidos pela Malásia (36,1% em 2019; 34,6% em 2020), Indonésia (17,2% em 2019; 34,1% em 2020) e Uruguai (44,2% em 2019 e 23,0% em 2020); e a água de coco (*cocos nucifera*) com valor brix superior a 7,4 é fornecida 100,0% pelas Filipinas. Como o principal produtos desses países é o óleo, a água pode ser vendida a um valor menor, incentivando as importações desse produto (Tabela 7).

No Nordeste, o consumo tem apresentado crescimento: em 2019 – 1,69 milhão de toneladas; em 2020 – 1,77 milhão de toneladas; em 2021 – 1,78 milhão de toneladas.

Tabela 7 – Exportações e importações nordestinas de cocos e derivados

Coco e derivados	Exportação								Importação							
	Peso (t)				Valor (Mil US\$)				Peso (t)				Valor (Mil US\$)			
	2019	2020	2020 (*)	2021 (*)	2019	2020	2020 (*)	2021 (*)	2019	2020	2020 (*)	2021 (*)	2019	2020	2020 (*)	2021 (*)
Água de coco (<i>cocos nucifera</i>) brix não superior a 7,4	36.923	41.856	33.667	38.572	39.738	35.396	28.640	32.833	-	-	-	-	-	-	-	-
Cocos, frescos ou secos, dessecados (coco ralado)	144	66	53	105	347	281	231	450	5.914	6.262	4.049	2.596	6.397	6.829	4.362	2.915
Outros óleos de coco (óleos de copra)	39	133	88	96	332	652	395	495	1.892	3.078	1.912	2.520	3.395	5.276	2.931	5.873
Óleo de coco (óleo de copra), em bruto	-	0	0	7	-	1	1	71	729	1.353	1.281	406	1.891	3.430	3.216	1.352
Água de coco (<i>cocos nucifera</i>) brix superior a 7,4	0	0	0	0	0	0	0	2	2.261	455	369	309	6.927	1.302	1.053	872
Outros	555	400	295	183	298	216	176	113	47	131	97	60	73	184	125	112
Total	37.661	42.455	34.103	38.963	40.715	36.546	29.443	33.964	10.843	11.280	7.707	5.891	18.683	17.021	11.686	11.124

Fonte: Agrostat (2021); Nota: (*) Dados de janeiro a setembro de 2021; Outros: Cocos frescos; tortas e outros resíduos sólidos do coco ou da copra; revestimento para pavimento, de cairo (fibras de coco); cocos na casca interna (endocarpo); e fios de cairo (fios de fibras de coco).

8 TENDÊNCIAS DE MERCADO DO LEITE E DA ÁGUA DE COCO

Como o leite de coco é consumido por um grande número de pessoas em todo o mundo, devido aos seus benefícios para a saúde, a demanda por esse produto permanece consistente entre os consumidores. No entanto, a pandemia afetou o crescimento do mercado de leite de coco, atribuído à interrupção na cadeia de suprimentos, além da paralisação do processamento, devido ao bloqueio e distanciamento social praticados em todo o mundo (KALE; DESHMUKH, 2021).

O mercado mundial de leite de coco foi avaliado em US\$ 1,1 bilhão, em 2019 e deve chegar a US\$ 2,9 bilhões, em 2027, crescimento anual de 17,1%. Espera-se que o mercado aumente a receita de US\$ 1,8 bilhão de 2019 a 2027. O aquecimento do mercado de leite de coco é impulsionado pelo aumento da consciência da saúde do consumidor e rede de distribuição melhorada. Os consumidores estão dispostos a pagar pelos produtos que oferecem vantagens para a saúde, e espera-se que essa conscientização seja um motivador para o desenvolvimento do mercado de produtos lácteos à base de leite de coco.

O mercado de leite de coco do LAMEA¹ foi avaliado em US\$ 139,4 milhões, em 2019 e está projetado para US\$ 357,8 milhões em 2027, crescimento de 16,7% a.a. A maior receita vem do Brasil (US\$ 43,5 milhões, em 2019), e estima-se que atinja US\$ 103,4 milhões em 2027, alta de 15,5% a.a. Ao longo dos anos, um crescimento significativo foi visto nesta região, devido a maior conscientização dos consumidores em relação vários benefícios do consumo de leite de coco, bem como aumento no número de lojas de varejo nesta região. O Brasil é um dos maiores consumidores da região, devido ao aumento nas indústrias de alimentos e bebidas. O mercado de água de coco está emergindo nos países africanos; no entanto, espera-se que cresça a uma elevada taxa no futuro próximo (**Tabela 8**).

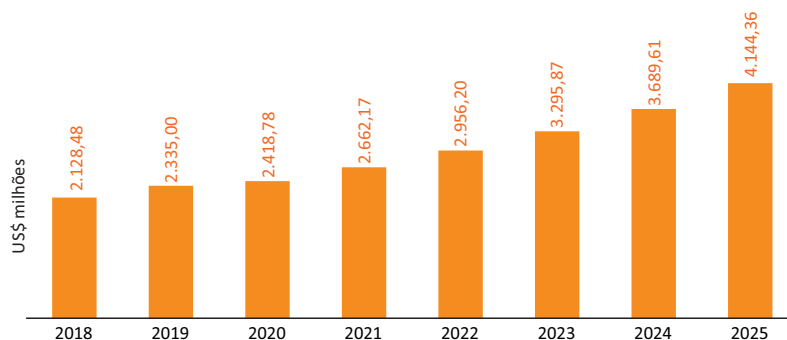
Tabela 8 – Receita do mercado de leite de coco dos países do LAMEA (US\$ milhões)

Países	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	TGCA % (2021-2027)
Brasil	43,5	40,4	43,5	50,1	57,8	66,7	77,1	89,2	103,4	15,5
Argentina	25,2	23,5	25,4	29,4	34,2	39,7	46,1	53,7	62,6	16,2
Emirados Árabes Unidos	14,7	14	15,3	18,1	21,3	25,1	29,7	35,1	41,5	18,0
Nigéria	12,5	11,8	12,9	15,2	17,8	20,9	24,6	29	34,2	17,6
Turquia	7,3	7,1	7,9	9,5	11,4	13,7	16,4	19,7	23,6	20,0
África do Sul	14,3	13,5	14,8	17,4	20,4	24	28,3	33,4	39,4	17,7
Resto de LAMEA	21,8	20,3	21,9	25,3	29,3	33,9	39,4	45,7	53,2	16,0
Total	139,4	130,5	141,8	164,8	192,1	224,1	261,6	305,8	357,8	16,7

Fonte: KALE e DESHMUKH (2021). Nota: TGCA - Taxa Geométrica de Crescimento Anual.

Com o aumento do leque de opções de derivados do coco² empregados como ingredientes na produção de alimentos, estima-se que o mercado mundial de leite de coco tenderá a aumentar. Para o ano de 2021, estimou-se que o faturamento mundial de leite e creme de coco alcance US\$ 2,66 bilhões, com perspectivas de faturamento 55,7% maior, em 2025 (**Gráfico 6**).

Gráfico 6 – Mercado mundial de leite e creme de coco (2018 e 2019) e projeção para os anos de 2020 a 2025



Fonte: Mordor Intelligence (2021).

O mercado mundial de água de coco foi avaliado em US\$ 2,04 bilhões, em 2019, com previsões de atingir US\$ 6,81 bilhões, em 2027, crescimento anual de 18,9% durante o período de previsão. O mercado deve apresentar uma oportunidade de receita adicional de US\$ 4,77 bilhões de 2019 a 2027. O crescimento do mercado é impulsionado pelo aumento na demanda por água de coco como bebida energética natural, por consumidores preocupados com a saúde.

O mercado de água de coco pura do LAMEA foi avaliado em US\$ 207,1 milhões, em 2019, e está projetado para US\$ 742,3 milhões, em 2027, crescimento de 20,0%/ano. O Brasil foi o maior contribuinte de receita com US\$ 102,3 milhões, em 2019 e estima-se que alcance US\$ 348,6 milhões em 2027, alta de 19,2% a.a. O Brasil e a Argentina, em conjunto, representaram cerca de 67,5% de participação em 2019, com o primeiro representando cerca de 49,4% de participação (**Tabela 9**).

1 LAMEA (Latin America, Middle East and Africa) refere-se aos países da América Latina, do Oriente Médio e da África.

2 Alguns dos derivados do coco: água de coco, leite de coco, leite de coco em pó, coco ralado, farinha, açúcar, creme, manteiga, purê, coco dessecado, farinha, chantili, flocos, pasta, chips (lascas), pasta e extrato.

Tabela 9 – Receita do mercado de água de coco dos países do LAMEA (US\$ milhões)

Unidade geográfica	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	TGCA % (2021-2027)
Brasil	102,3	101,8	121,3	144,5	172	204,8	243,8	290,2	348,6	19,2
Argentina	37,5	37,3	44,5	53,1	63,3	75,5	90	107,3	129,1	19,4
Emirados Árabes Unidos	16,1	16,2	19,5	23,4	28,2	33,9	40,7	48,9	59,3	20,4
Nigéria	7,6	7,8	9,4	11,4	13,9	16,8	20,4	24,7	30,3	21,5
Turquia	9,1	9,2	11,2	13,6	16,6	20,1	24,5	29,7	36,4	21,6
África do Sul	12,9	13,3	16,3	20	24,6	30,1	36,9	45,2	55,9	22,8
Resto de LAMEA	21,6	21,8	26,4	31,9	38,5	46,5	56,2	67,8	82,7	21,0
Total	207,1	207,5	248,6	297,9	357	427,7	512,4	613,9	742,3	20,0

Fonte: KALE e DESHMUKH (2020). Nota: TGCA - Taxa Geométrica de Crescimento Anual.

REFERÊNCIAS

AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro. **Exportação e importação**. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). Disponível em: <http://dw.ceasa.gov.br/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FAOSTAT - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) **Crops and livestock products**. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data/>. Acesso em: 18 out. 2021.

IBGE. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. IBGE/LSPA. Fortaleza: IBGE/GCEA-CE. Dezembro. Série 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, outubro de 2021. Documento impresso.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KALE, R.; DESHMUKH, R. **Mercado de leite de coco - análise de oportunidade global e previsão da indústria, 2021-2027**. Allied Market Research. Maio 2021. Disponível em: emis.com/php/dashboard/index?. Acesso em: 12 nov. 2021.

KALE, R.; DESHMUKH, R. **Mercado de água de coco pura - análise de oportunidade global e previsão do setor, 2021-2027**. Allied Market Research. Novembro 2020. Disponível em: emis.com/php/dashboard/index?. Acesso em: 12 nov. 2021.

MARTINS, C. R., JESUS JÚNIOR, L. A. DE. **Produção e comercialização de coco no Brasil frente ao comércio internacional: panorama 2014**. Aracaju. Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2014. 51 p. Disponível em <http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: 09 ago. 2017.

MORDOR INTELLIGENCE. **Mercado Global de Leite e Creme de Coco (2020-2025)**. Mordor Global Industry Reports (Mordor Relatórios da indústria global). 30 de Janeiro de 2021. Disponível em: emis.com/php/dashboard/index? Acesso em: 12 nov. 2021.

TODAS AS EDIÇÕES DO CADERNO SETORIAL DISPONÍVEIS EM:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

EDIÇÕES RECENTES

AGROPECUÁRIA

- Feijão - 12/2021
- Frango - 11/2021
- Carne bovina - 10/2021
- Cajucultura - 10/2021
- Milho – 08/2021
- Hortaliças - 08/2021
- Suína - 07/2021
- Fruticultura - 06/2021
- Carne bovina - 04/2021
- Frango - 06/2021
- Recursos Florestais - 05/2021
- Algodão - 05/2021
- Açúcar - 05/2021
- Arroz: produção e mercado - 03/2021
- Silvicultura - 02/2021
- Cacau - 01/2021
- Pescado - 01/2021
- Própolis no Nordeste - 01/2021
- Trigo - 01/2021
- Pimenta-do-reino - 12/2020
- Feijão - 12/2020
- Milho - 11/2020
- Produção de café - 11/2020

INDÚSTRIA

- Couro e calçados - 11/2021
- Indústria da Construção - 10/2021
- Indústria Petroquímica - 09/2021
- Têxtil – 09/2021
- Biocombustíveis - 08/2021
- Vestuário - 08/2021
- Bebidas não alcoólicas - 07/2021
- Setor moveleiro - 07/2021
- Etanol - 04/2021

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Petróleo e gás natural - 11/2021
- Energia eólica - 07/2021
- Energia solar - 07/2021
- Telecomunicações - 05/2021
- Micro e minigeração distribuída - 02/2021

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Shopping Centers - 11/2021
- Comércio eletrônico - 07/2021
- Turismo - 07/2021
- Pet Food - 06/2021
- Eventos - 06/2021
- Saúde - 05/2021
- Shopping centers - 01/2021

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>